
Com Valor Marchemos: *Ordain Women* e a Reivindicação de Espaços Físicos e Simbólicos por Mulheres Mórmons¹²

Adille Rigoni MASSIMINI³
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é uma instituição patriarcal, que exclui e silencia as mulheres, através de sua hierarquização fundamentada em questões de gênero, atreladas a um sacerdócio exclusivo para homens. Há muitos anos, a Igreja se opõe a movimentos que buscam pela igualdade de gênero, fazendo com que muitas mulheres, que lutaram por esse direito, assim como pesquisadores, que publicaram sobre a história da Igreja, abordando essas questões, fossem excomungados. Através de um mapeamento de movimentos dissensuais na Igreja, o presente artigo aborda os espaços físicos e simbólicos ocupados por essas mulheres e o papel de movimentos feministas dissidentes na legitimação e reivindicação de espaços que ainda não foram conquistados.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos feministas; Mórmons; Gênero; Assembleia; Movimentos dissensuais.

INTRODUÇÃO

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é uma instituição cristã e patriarcal, portanto, os cargos de liderança, a possibilidade de casar-se novamente após um divórcio ou falecimento do cônjuge e diversos outros privilégios, estão restritos ou mais acessíveis aos homens desta religião. Com o passar dos anos, foi possível notar o surgimento de diversos movimentos que pediam inclusão e mais direitos para algumas minorias, como negros, mulheres, LGBTQI+, etc.

Desde a fundação da Igreja, em 1830, diversos direitos foram conquistados, como o direito de homens negros possuírem o sacerdócio – que é o poder e autoridade de Deus dado aos homens para agir em seu nome na terra – em 1978 ou, ainda, em 2019, as mulheres conquistaram o direito de servirem como testemunha de ordenanças (rituais

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² O título é uma referência ao hino “Com Valor Marchemos” da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

³ Mestranda do Curso de Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, e-mail: dillirigoni.massimini@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

sagrados) que acontecem tanto dentro do templo, como casamentos, quanto fora dele, como o batismo.

Na Igreja, existem diversos espaços – físicos ou simbólicos – que podem ser ocupados por mulheres, mas também existem outros que essas mulheres estão buscando reconhecimento e poder para terem o direito ocupa-los. Tendo isso em vista, nossa pergunta de pesquisa é: quais espaços – físicos ou simbólicos – movimentos dissidentes, como o *Ordain Women*, estão reivindicando dentro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias? E quais já foram ocupados? Como os movimentos dissidentes ajudam essas mulheres a ocuparem estes espaços? E o objetivo desta pesquisa é entender o papel dos movimentos feministas dissidentes na conquista de espaços físicos e simbólicos por mulheres mórmons. Para isso, será feito um mapeamento dos movimentos dissensuais na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

GÊNERO E HIERARQUIA

A partir disso, é necessário entendermos o conceito de gênero aos olhos da Igreja e de Judith Butler (2019) antes de iniciarmos a discussão. Aos olhos da Igreja, o gênero é uma característica essencial não apenas do plano de felicidade de Deus (THE CHURCH OF JESUS CHRIST OF LATTER-DAY SAINTS, 2020), como também da identidade e do propósito pré-mortal, mortal e eterno de cada pessoa (A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS, 1995). Os mórmons têm uma perspectiva eterna da vida, visto que, para eles, a vida na terra é considerada um estágio de um plano maior, composto também por um período anterior a este e por outro, após a morte – considerado eterno.

Além disso, a Igreja propõe uma divisão clara de papéis com base no gênero – que será trabalhada de forma detalhada posteriormente neste texto –, que consiste em o homem assumir a responsabilidade de prover financeiramente à família, enquanto a mulher assume o papel exclusivamente de cuidar da casa e dos filhos (A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS, 1995).

Judith Butler (2019) rompe com essa ideia apresentada – não só – pela Igreja, de que o gênero é limitado pelo sexo biológico. Para a autora (2019), não podemos afirmar que o gênero resulte, de alguma forma, do sexo biológico, tampouco limita-lo a binariedade. Sendo assim, o gênero não é um reflexo do sexo. Além disso, não podemos criar a relação gênero-cultura, da mesma forma que vemos a relação sexo biológico-

natureza, pois estaríamos trocando um pelo outro, sem romper com a ideia de que – tanto o sexo, quanto o gênero – são determinados por um único fator, seja ele cultural ou biológico (BUTLER, 2019)

Para Judith Butler (2009), o gênero é performativo, sendo assim, nós performamos, ou dramatizamos, um determinado gênero, que faz parte de um “projeto corporal contínuo e repetido [...] que tem como fim sua sobrevivência cultural” (p. 241). Desta forma, ela entende o gênero como uma performance que tem consequências punitivas.

Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação (BUTLER, 2019, p. 242)

Além disso, Judith Butler (2019) diz que essa performatividade não diz respeito somente àquilo que fazemos, mas também à forma pela qual “o discurso e o poder institucional nos afetam, nos restringindo e nos movendo em relação ao que passamos a chamar de nossa ‘própria’ ação” (p. 71). Desta forma, podemos entender que a Igreja assume um papel relevante na construção de gênero de seus membros, uma vez que seu discurso e poder institucional ditam o que é ser mulher e o que é ser homem dentro daquela instituição.

De acordo com Judith Plaskow (*apud* CORNWALL, 2001), as religiões patriarcais não ausentam as mulheres, mas as silenciam e as atribuem a uma esfera particular dentro desta comunidade. Ainda na visão de Judith Plaskow (*apud* CORNWALL, 2001), o que preserva a desigualdade de gênero dentro da Igreja, é o fato de as mulheres serem vistas como o “Outro” desta religião, o que significa que elas são algo adicional e podem estar presentes e em silêncio ao mesmo tempo. Serem consideradas o “Outro” está muito relacionado às diferenças, que costumam ser encaradas de forma hierárquica – superior ou subordinado. Essas duas condições – hierarquia e alteridade – são muito presentes no mormonismo, tanto pelo foco que a religião coloca sobre a família, quando pela institucionalização da Igreja.

Esse cenário está em linha com o que é observado por Simone de Beauvoir (2019), quando ela diz que o gênero é construído e isso é o que permite que exista um processo de “tornar-se mulher”. Entretanto, esse processo é impulsionado por diversas questões culturais, desta forma, a sociedade seria responsável por moldar a mulher e esse molde é

o que a diferenciaria do homem. Sendo assim, Simone de Beauvoir (2019) entende que a mulher é o “Outro”, ou aquele que não é o homem, o que se relaciona com a visão de Judith Plaskow (*apud* CONWALL, 2001) de que a mulher seria o “Outro” dentro da Igreja, o que significa que ela é aquela que não tem o sacerdócio.

ESPAÇOS FÍSICOS E SIMBÓLICOS

Pensando nos espaços simbólicos, para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, homens e mulheres têm papéis muito bem definidos tanto dentro da instituição, quanto em suas famílias. Um documento chamado *A Família: Proclamação ao Mundo*, publicado em 1995 pela Igreja, define o formato de família considerado ideal aos olhos da Igreja, além de definir muito bem os papéis que homens e mulheres devem exercer.

Segundo o modelo divino, o pai deve presidir a família com amor e retidão, tendo a responsabilidade de atender às necessidades de seus familiares e de protegê-los. A responsabilidade primordial da mãe é cuidar dos filhos. Nessas atribuições sagradas, o pai e a mãe têm a obrigação de ajudar-se mutuamente, como parceiros iguais. Enfermidades, falecimentos ou outras circunstâncias podem exigir adaptações específicas. Outros parentes devem oferecer ajuda quando necessário (A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS, 1995).

Essa declaração mostra que os homens devem exercer o papel específico de proteger e prover família e a casa. As mulheres, por sua vez, devem cuidar dos filhos e da casa. Mas como falamos anteriormente, homens e mulheres também exercem papéis distintos na própria Igreja. Os homens podem atuar como autoridades locais (bispos e presidentes de estacas) ou como autoridades gerais (setentas, apóstolos e profetas). Já as mulheres, por sua vez, estão limitadas a liderar apenas organizações específicas, como a Sociedade de Socorro, formada pelas mulheres acima de 18 anos, a Organização das Moças, formada por meninas de 11 a 17 anos e a Primária, que abrange todas as crianças da instituição, entre um ano e meio e 10 anos.

Hierarchy is a fundamental characteristic of Mormonism, and gender is one of the primary characteristics by which difference, and therefore hierarchy, is created. Judaism may be transformed by embracing difference and subverting hierarchy, but transforming Mormonism poses a greater challenge because the church is sustained by an emphasis on difference (e.g., distinct gender roles)

and hierarchical order (e.g., everyone understands her duty and responsibility).
(CORNWALL, 2001, p. 240)⁴

Posto isso, é possível entendermos que gênero e hierarquia são, não apenas muito presentes nesta religião, como também são dois fatores determinantes para a ocupação de dados espaços. Apesar de não terem acesso aos níveis mais altos da hierarquia, as mulheres desempenham diversas tarefas no nível congregacional, atuando, por exemplo nas organizações da Igreja, o que as mantém presentes e envolvidas na instituição. Isso faz com que, para elas, seja fácil preencher espaços vazios na hierarquia da Igreja com figuras femininas, sem questionarem a dificuldade – ou falta – de acesso a determinados espaços que são restritos aos membros do sacerdócio, uma vez que o acúmulo de funções na Igreja e na família, faz com que reste pouco tempo para este debate e questionamento (CORNWALL, 2001).

De acordo com o *General Handbook*, um manual publicado pela instituição em 2020, qualquer homem da Igreja, que guarde os mandamentos pode atuar como oficiante ou testemunha em ordenanças da Igreja, que vão desde o preparo do sacramento aos domingos, até performar batismos e outros rituais, ou ainda atuar como líderes da organização, como mencionamos anteriormente. Essas atividades estão restritas aos homens por conta do sacerdócio, por isso o gênero é considerado uma das principais características da hierarquização existente na Igreja, logo determina quais espaços podem ou não serem ocupados por mulheres. Além disso, Marie Cornwall (2001) ainda ressalta que através do sacerdócio, os homens são apresentados aos espaços da hierarquia que deverão ocupar, além de garantir a exaltação para as mulheres e crianças a quem estão selados⁵, o que reforça a importância da família para a religião.

Até 2019, somente os portadores do sacerdócio podiam atuar como testemunhas das ordenanças da Igreja – desde o batismo até em casamentos –, portanto, era uma atividade restrita aos homens. Neste ano, foram anunciadas mudanças que permitiram que qualquer membro batizado pudesse atuar como testemunha, desde que já tenham passado

⁴ A hierarquia é uma característica fundamental do mormonismo, e gênero é uma das características primárias pelas quais a diferenciação e, portanto, a hierarquização são criadas. O judaísmo pode ser transformado por abraçar as diferenças e subverter as hierarquias, mas transformar o mormonismo apresenta um desafio maior, porque a Igreja é sustentada por uma ênfase nas diferenças (ex: diferentes papéis de gênero) e ordens hierárquicas (ex: todos entendem os deveres e responsabilidades dela). (CORNWALL, 2001, p. 240, tradução nossa)

⁵ O casamento no templo mórmon é chamado de selamento e, através dele, as famílias se constituem como eternas, de acordo com esta religião, desde que os membros realizem as ordenanças do templo e guardem os mandamentos.

por estas ordenanças (CHURCH NEWSROOM, 2019). Isso fez com que não apenas as mulheres, mas também as crianças acima de 8 anos conquistassem esse direito, isso consequentemente dividiu opiniões dentro destes grupos, visto que ao mesmo tempo em que essas mulheres estariam conquistando mais direitos, elas estavam sendo comparadas às crianças, ao invés de estarem mais próximas à realidade dos homens.

Tendo em vista que a base da religião está na crença de que as famílias podem ser eternas, desde que realizem as ordenanças do templo⁶ e que a realização destas ordenanças, além de ser fundamental no plano de exaltação dos indivíduos, também depende exclusivamente de um homem portador do sacerdócio, podemos afirmar que a ideia de superioridade do homem em relação à mulher está enraizada na instituição.

A ocupação dos espaços simbólicos tem uma relação estreita com a ocupação dos espaços físicos na Igreja, visto que isso está intimamente ligado ao sacerdócio. Ainda que as mulheres possam subir ao púlpito aos domingos para discursar, orar ou prestar seus testemunhos, elas não têm acesso ao espaço destinado ao preparo do sacramento. Quando pensamos no templo, não é diferente. Essas mulheres têm acesso ao templo, mas sempre ocuparam o espaço de um sujeito que apenas recebe as ordenanças realizadas lá, mas não podem atuar como oficiantes⁷. Com a mudança que aconteceu em 2019, elas conquistaram o espaço de testemunha destas ordenanças. Durante toda a história da Igreja, as mulheres desempenharam um papel passivo na instituição – elas sempre tiveram o direito de receber bênçãos, mas não de abençoar –, pois não lhes foram dadas oportunidades para atuarem de outra forma. Ao contrário disso, por diversas vezes, estas mulheres foram impedidas de assumirem um papel ativo na religião, ou tiveram sua atuação limitada.

Apesar de ainda não terem os mesmos direitos que os homens, nas décadas de 1960 e 1970, muitos dos direitos que as mulheres mórmons têm hoje, haviam sido tirados delas à medida em que o número de mulheres mórmons no mercado de trabalho crescia. Em 1967, a Igreja anunciou que as orações de abertura e encerramento das reuniões sacramentais – que acontecem no púlpito – deveriam ser feitas exclusivamente por portadores do sacerdócio, além disso em 1969, a Igreja determinou que os programas sociais que apoiavam mães solteiras, jovens e nativos americanos – até então realizados

⁶ Para a Igreja, a constituição de família não está na esfera biológica ou legal, mas sim religiosa.

⁷ A posição de oficiante para mulheres consiste em prestar assistência em determinadas ordenanças, mas nunca presidir esses rituais ou exercer o poder do sacerdócio. Apesar de ter o mesmo título, o papel desempenhado é diferente.

pela Sociedade de Socorro – também deveriam ser realizados pelos portadores do sacerdócio. Já na década de 1970, as mulheres casadas com homens inativos ou que não eram mórmons, foram impedidas de participar dos rituais do templo, por fim, a Igreja decidiu reestruturar sua liderança, alegando maior eficiência, e os homens assumiram a liderança da Sociedade de Socorro (MCDANNEL *apud* BUSHMAN, 2020).

Apesar de Nadine Hansen ter sido uma das primeiras pessoas a apresentar a ordenação de mulheres a uma pauta feminista na Igreja, na década de 1980, através da publicação de um ensaio chamado *Women and Priesthood*, algumas outras mulheres continuaram a levantar essa bandeira nos anos de 1980 e 1990. Essas mulheres afirmavam que sem a ordenação, seria impossível que mulheres chegassem aos níveis de tomada de decisão – que são ocupados por homens – dentro da hierarquia da Igreja (BROOKS *et al*, 2017).

Ainda diante de um cenário, no qual muitas mulheres haviam entrado no mercado de trabalho, ocorreu a mudança de presidente na Igreja. Em 1985, Ezra Taft Benson assumiu a posição de profeta da Igreja, com isso, ideias ainda mais conservadoras em relação às mulheres foram adotadas, de forma que, aos olhos da instituição, essas mulheres só poderiam participar do mercado de trabalho em situações extremas, que exigissem que elas trabalhassem fora de casa para complementar a renda família.

Contrary to conventional wisdom, a mother's calling is in the home, not in the marketplace, the counsel of the Church has always been for mothers to spend their full time in the home in rearing and caring for their children. [...] Have your children and have them early (BENSON *apud* BUSHMAN, 2020, p.162)⁸

Os estudos sobre o papel da mulher na Igreja não foram bem aceitos pelos líderes e, ao passo que mulheres se engajaram e passaram a publicar livros e artigos sobre o assunto, eles procuraram mudar o fluxo de informações. Em 1985 duas mulheres publicaram um livro a respeito de Emma Smith, esposa do fundador da Igreja, e foram proibidas de falarem em reuniões oficiais da instituição. Em 1989, Dallin H. Oaks, atual conselheiro do profeta da Igreja – na época era um apóstolo – alertou os membros da instituição a não ouvirem vozes alternativas – que eram os movimentos feministas, LGBTQIA+ e os estudiosos – que promoviam ideias contrárias ao que é ensinado pela

⁸ Ao contrário do conhecimento convencional, o chamado da mãe é em sua casa, não no mercado de trabalho, o conselho da Igreja sempre foi para que as mães passassem todo o tempo em casa, criando e cuidando de seus filhos. Tenham seus filhos e os tenham cedo (BENSON *apud* BUSHMAN, 2020, p. 162, tradução nossa)

Igreja, levando outros mórmons a “se desviarem” da religião. Ele se referiu a estas pessoas por “almas perdidas” ou “falsos profetas” (BUSHMAN, 2020).

Na década de 1990 a Igreja continuou a tentativa de silenciar estas pessoas. Em 1993, seis pessoas foram excomungadas da Igreja sob alegação de heresia, apostasia e por se posicionarem. Essas pessoas foram chamadas de *September Six*. Na época, a Igreja declarou que essas pessoas poderiam ter visões de mundo diferentes do que é ensinado pela instituição, mas não de exporem e tornarem públicas estas visões. Algumas autoras feministas, que estudavam o movimento dentro da Igreja, foram excomungadas, entre elas estavam Margaret Toscano, Lavina Fielding Anderson, Maxine Hanks e Janice Allred. Naquele período, foi considerado heresia questionar determinados tópicos, ou mesmo orar para uma mãe celestial (BUSHMAN, 2020).

ORDAIN WOMEN

Nesse contexto nascem diversos movimentos feministas dissidentes, ou seja, movimentos que buscam romper com as representações vigentes. Para Rancière (*apud* MARQUES, 2014, p.73), as cenas de dissenso se constituem quando “ações de sujeitos que não eram, até então, contados como interlocutores, irrompem e provocam rupturas na unidade daquilo que é dado e na evidência do visível para desenhar uma nova topografia do possível”. Vemos isso de forma muito clara nestes movimentos, uma vez que mulheres – que, por conta do gênero, estão em uma condição de subordinação, na qual não têm voz ou direito de assumir um lugar na hierarquia da Igreja – passam a se posicionar e reivindicar espaços dentro da instituição.

Os movimentos feministas que aconteceram entre os anos de 1970 e 1990, não ganharam tanta força, por conta da dificuldade que as mulheres encontravam de não apenas conhecerem essas causas, mas principalmente de se reunirem⁹. Sendo assim, na década de 2010, começou uma segunda onda de movimentos feministas dissidentes mórmons, que ganhou força através da internet e dos esforços de uma nova geração de mórmons feministas, como Kate Kelly – uma advogada dos direitos humanos mórmon (BROOKS *et al*, 2017), fundadora do *Ordain Women*, que além da igualdade de gênero

⁹ Disponível em:

<https://podcasts.apple.com/br/podcast/unladylike/id1333193523?l=en&i=1000406174468>

na Igreja, busca romper com essa hierarquização, através da ordenação de mulheres ao sacerdócio.

O *Ordain Women* pode ser considerado um movimento feminista dissidente, porque busca romper com a mentalidade de que as mulheres têm a função exclusiva de cuidar da casa e dos filhos e, principalmente, de que o sacerdócio é um direito exclusivo dos homens.

Diversos atos foram organizados pelo *Ordain Women* para pressionar a Igreja em relação à ordenação de mulheres. O primeiro aconteceu em Outubro de 2013, durante a sessão do sacerdócio (exclusiva para homens) na Conferência Geral da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, quando duzentas mulheres se reuniram em frente ao Centro de Conferência, localizado na Temple Square¹⁰ em Salt Lake City, Utah (BROOKS *et al*, 2017). De acordo com o site deste movimento, esse ato não é considerado um protesto, portanto não foram tolerado cartazes e banners com frases contra a Igreja, foi solicitado que todas as mulheres se vestissem como se estivessem indo à Igreja – saias ou vestidos de comprimento médio ou longo e blusas sem decote, que cobrissem os ombros – e a invasão ou formas alternativas de entrar no Tabernáculo Mórmon também não seriam toleradas (KELLY, 2013). Em abril de 2014, durante a Conferência Geral da Igreja, quinhentas mulheres se reuniram novamente para pedir que acabasse a segregação de gênero nas Conferências Gerais, meses depois, Kate Kelly foi excomungada sob alegação de apostasia¹¹, o que significa que ela foi vista como uma pessoa que agiu contra a Igreja e tentou corromper os ensinamentos (BROOKS *et al*, 2017).

No episódio *How to be a Mormon Feminist* do podcast *UnladyLike*, Kate Kelly diz que na época em que organizou os protestos, ela realmente acreditou que o ato faria diferença na Igreja, que aquele seria o momento certo e a Igreja consideraria a discussão, entendendo que elas estavam certas em reivindicar esse direito. Ela diz ter dado muito crédito para a instituição e acreditou que o patriarcado faria a coisa certa, mas isso não funcionou da forma que ela esperava.

¹⁰ A Temple Square é o local onde está localizado o Templo de Salt Lake City, o prédio da sede administrativa da Igreja, o Tabernáculo e outros monumentos da Igreja.

¹¹ Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/jun/23/mormon-excommunicates-kate-kelly-church-women-advocacy>

A REIVINDICAÇÃO E LEGITIMAÇÃO DE ESPAÇOS

Para Judith Butler (2019), essas manifestações de massa podem se vistas como uma rejeição coletiva de uma situação motivada – neste caso – socialmente.

O que vemos quando os corpos se reúnem em assembleia nas ruas, praças ou em outros locais públicos é o exercício – que se pode chamar de performativo – do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais vivíveis. [...] Então, quando as pessoas se reúnem nas ruas, uma implicação parece clara: elas ainda estão aqui e lá; elas persistem; elas se reúnem em assembleia e manifestam, assim, o entendimento de que a sua situação é compartilhada. (BUTLER, 2019, p. 31-32)

Hannah Arendt (*apud* BUTLER, 2019) entende que o espaço não depende de sua localização física, mas está localizado entre as pessoas. Desta forma, “assim como qualquer ação acontece em um lugar localizado, ela também estabelece um espaço que pertence à aliança propriamente dita” (BUTLER, 2019, p. 82) e, além disso, através da aliança, nasce a localização, o que significa que uma não está presa à outra.

Outro conceito de Hannah Arendt apresentado por Butler (2019)

trata-se do espaço de aparecimento, no mais amplo sentido da palavra, ou seja, o espaço onde apareço para os outros e onde os outros aparecem para mim; onde o homem existe não apenas como outras coisas vivas ou inanimadas, mas assume uma aparência explícita (ARENDRT *apud* BUTLER, 2019, p. 82)

Para Hannah Arendt (*apud* BUTLER, 2019) a assembleia e a reunião exercem uma importante função no estabelecimento de espaços de aparecimento, que são espaços de luta política. Sendo assim, através das ações públicas e plurais, exercemos nosso direito de ter um lugar e pertencer, de forma que “ser excluído do espaço de aparecimento, ser impedido de ser parte da pluralidade que constitui o espaço de aparecimento, é ser privado do direito de ter direitos” (BUTLER, 2019, p. 66).

A partir destes conceitos de Judith Butler (2019), podemos analisar tanto os atos organizados pelo *Ordain Women*, quanto a ocupação dos espaços físicos e simbólicos da Igreja. Em relação ao ato, podemos entender que o fato de mulheres – e homens aliados a causa – estarem em frente ao Tabernáculo Mórmon, onde acontecia a sessão da Conferência Geral exclusiva para os portadores do sacerdócio, tem um significado político antes mesmo de falarem algo, pois, para Judith Butler (2019) os significados políticos das manifestações não estão limitados ao discurso. Essas mulheres estarem em

frente a um local, no qual elas não podem entrar naquele determinado momento, traz o entendimento de que elas querem o direito de ocupar aquele espaço.

Além disso, esses movimentos feministas ganharam força através do meio virtual, não apenas pela dificuldade de juntar as mulheres mórmons que apoiavam a causa em um único lugar, visto que essas mulheres moram em diferentes lugares, mas também por ser um movimento dissidente, que procura romper com um conceito pré-estabelecido pela Igreja, portanto foi um movimento que começou de forma sigilosa. Ainda, é importante considerarmos o histórico de rejeição da Igreja por movimentos como este, levando diversas mulheres à excomunhão – inclusive, mais tarde, Kate Kelly, a fundadora do movimento.

Quando a Igreja excomunga ou coloca um membro em um período probatório, a primeira penalidade aplicada, costuma ser a restrição de acesso a espaços sagrados – no caso, o templo, o púlpito, o espaço de preparo do sacramento etc –, ou seja, a privação desses corpos de ocuparem um determinado local –. Isso reforça que a ocupação – ou não – de determinados espaços pode ser considerada um ato político. Cabe pensarmos que, se a restrição de acesso a espaços sagrados é uma punição, ainda que uma mulher não tenha pecado, ela estaria sendo punida com base em seu gênero, simplesmente por existir naquele corpo.

Além dos casos de excomunhão, existe uma limitação de acesso a espaços físicos da Igreja por membros ativos e que estão seguindo a doutrina, como falamos ao decorrer do texto, existe uma restrição de espaços que podem ser ocupados por mulheres.

Pensando no espaço simbólico da família, diversas vezes a Igreja buscou romper com a ideia e impedir que as mulheres acessassem o mercado de trabalho, portanto, ao ocupar esse espaço, que propõe uma divisão da função de prover a renda familiar com o marido, essas mulheres estão, ainda que silenciosamente, protestando contra uma mentalidade vigente e buscando formas de romper mais uma vez com esse pensamento.

O mesmo acontece com a tentativa de, mais do que ter o direito de participar de uma reunião exclusiva para homens, buscar a ordenação de mulheres, de forma que elas tenham acesso à hierarquia da instituição e o direito de officiar determinados rituais. Ainda que no caso anterior seja possível vermos maior progresso, não podemos ignorar a existência destes movimentos, visto que, apesar de apresentarem resultados pequenos, ainda exercem um papel fundamental na reivindicação destes direitos.

Pensando novamente nos espaços físicos, em 2019 as mulheres conquistaram o direito de atuar como testemunhas em ordenanças dentro e fora do templo. Apesar de ser um pequeno avanço em relação à igualdade de gênero na instituição, conquistar um direito, não significa que este direito tenha sido legitimado por todos os membros da Igreja, portanto ao atuarem em uma posição de testemunha, essas mulheres estão buscando esta legitimação, simplesmente por ocuparem aquele espaço, sem emitirem uma única palavra, estão comunicando seus direitos de estarem ali. O mesmo acontece quando uma mulher discursa ou faz oração no púlpito, ainda que, neste caso, esses direitos já tenham sido legitimados, ocupar estes espaços é uma forma de evidenciá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos feministas dissidentes, como o *Ordain Women*, são fundamentais para a criação de determinadas discussões acerca de gênero e representatividade na Igreja. Através deles, mulheres mórmons ganham voz e reivindicam direitos que, até um determinado momento, eram de exclusividade masculina. Apesar das mudanças ocorridas na Igreja em 2019 não terem uma ligação direta a este ou qualquer outro movimento feminista, estes foram responsáveis por pressionar a Igreja durante anos para que a igualdade de gênero se aproximasse da realidade de muitos mórmons, além de trazer maior conhecimento acerca do tema para este grupo.

Os espaços físicos e simbólicos estão relacionados, de forma que as mulheres têm um papel majoritariamente passivo na Igreja e atuam sempre como ouvintes. Sendo assim, estão limitados a elas, os bancos das capelas, o espaço de receber bênçãos, de testemunhas de rituais praticados por homens. O mais próximo de um papel ativo que estas mulheres desempenham são nas lideranças de determinadas organizações locais, regentes e pianistas, professoras de aulas sobre a religião, oradoras de reuniões oficiais da Igreja ou ao fazerem oração no púlpito, ou seja, os espaços físicos de evidência que estas mulheres podem ocupar são a frente de uma sala de aula, o púlpito em situações específicas – como no dia em que irão discursar ou reger os hinos da Igreja – e o espaço ao lado da realização de uma ordenança, quando atuam como testemunhas.

Esses movimentos reivindicam, principalmente, o poder do sacerdócio e todos os espaços físicos e simbólicos que o acompanham. Ao conquistarem o sacerdócio, estas mulheres teriam direito aos espaços simbólicos da hierarquia da Igreja – podendo atuar como bispas, presidentes de estaca, apóstolos, setentas de área e até mesmo profetas – e,

por consequência, os espaços físicos como as salas de liderança (na posição de entrevistadoras e não de entrevistadas), o espaço ocupado pelo oficiante de ordenanças, preparo do sacerdócio e, quando pensamos no ambiente familiar, poderiam ocupar oficialmente o papel de responsáveis pelo sustento da família, assim como os homens.

Desta forma, entendemos a importância destes movimentos para que sejam criados espaços de discussão e, principalmente, uma Igreja mais justa e diversa, que aceite a igualdade de gênero como parte da doutrina. Ao reduzir a distância entre homens e mulheres na hierarquia da instituição, e acabar com a subordinação destas mulheres a homens, a Igreja poderá se estabelecer como uma instituição justa, que vê homens e mulheres como iguais.

Referências Bibliográficas

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. A Família: Proclamação ao Mundo. Salt Lake City, Utah, 1995.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro, RJ, Nova Fronteira, 2019.

BROOKS, Joanna; STEENBLIK, Rachel H.; WHEELWRIGHT, Hannah. **Mormon Feminism: essential writings**. New York, NY: Oxford University Press, 2017.

BUSHMAN, Claudia L. Mormon Feminism After 1970. In: PETREY, Taylor G.; HOYT, Amy (org.). **The Routledge Handbook of Mormonism and Gender**. New York, NY: Routledge, p. 157-168, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2019.

CORNWALL, Marie. The Institutional Role of Mormon Women. In: CORNWALL, Marie; HEATON, Tim B.; YOUNG, Lawrence A. **Contemporary Mormonism: Social Sciences Perspectives**. United States of America: University of Illinois Press, 2001.

HOLPUCH, Amanda. Mormon church excommunicates Kate Kelly over women's advocacy work. **The Guardian**, New York, NY, 23 de junho de 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/jun/23/mormon-excommunicates-kate-kelly-church-women-advocacy>. Acesso em 20 de junho de 2020.

KELLY, Kate. FAQs for the Oct. 5 Priesthood Session Action. **Ordain Women**. 19 de setembro, 2013. Disponível em: <https://ordainwomen.org/faqs-for-the-oct-5-priesthood-session-action/>. Acesso em 21 de junho de 2020.

HOW TO BE A MORMON FEMINIST: Entrevistadoras: Cristen Conger e Caroline Ervin. Entrevistada: Kate Kelly. **Unlady Like**. 13 de março de 2018. Podcast. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/br/podcast/unladylike/id1333193523?l=en&i=1000406174468>. Acesso em: 21 de junho de 2020.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso. In: **Discursos fotográficos**, v. 10, n. 17, p. 61-86, 2014.

THE CHURCH OF JESUS CHRIST OF LATTER-DAY SAINTS. **General Handbook**. Salt Lake City, Utah, 2020.

WEAVER, Sarah Jane. Women can serve as witnesses for baptisms, temple sealings, President Nelson announces in historic policy change. **Church Newsroom**. Salt Lake City, Utah, 02 de Outubro de 2019. Disponível em: <https://www.thechurchnews.com/members/2019-10-02/women-can-serve-as-witnesses-for-baptisms-temple-sealings-first-presidency-announces-in-historic-policy-change-162319>. Acesso em 31 de Maio de 2020.